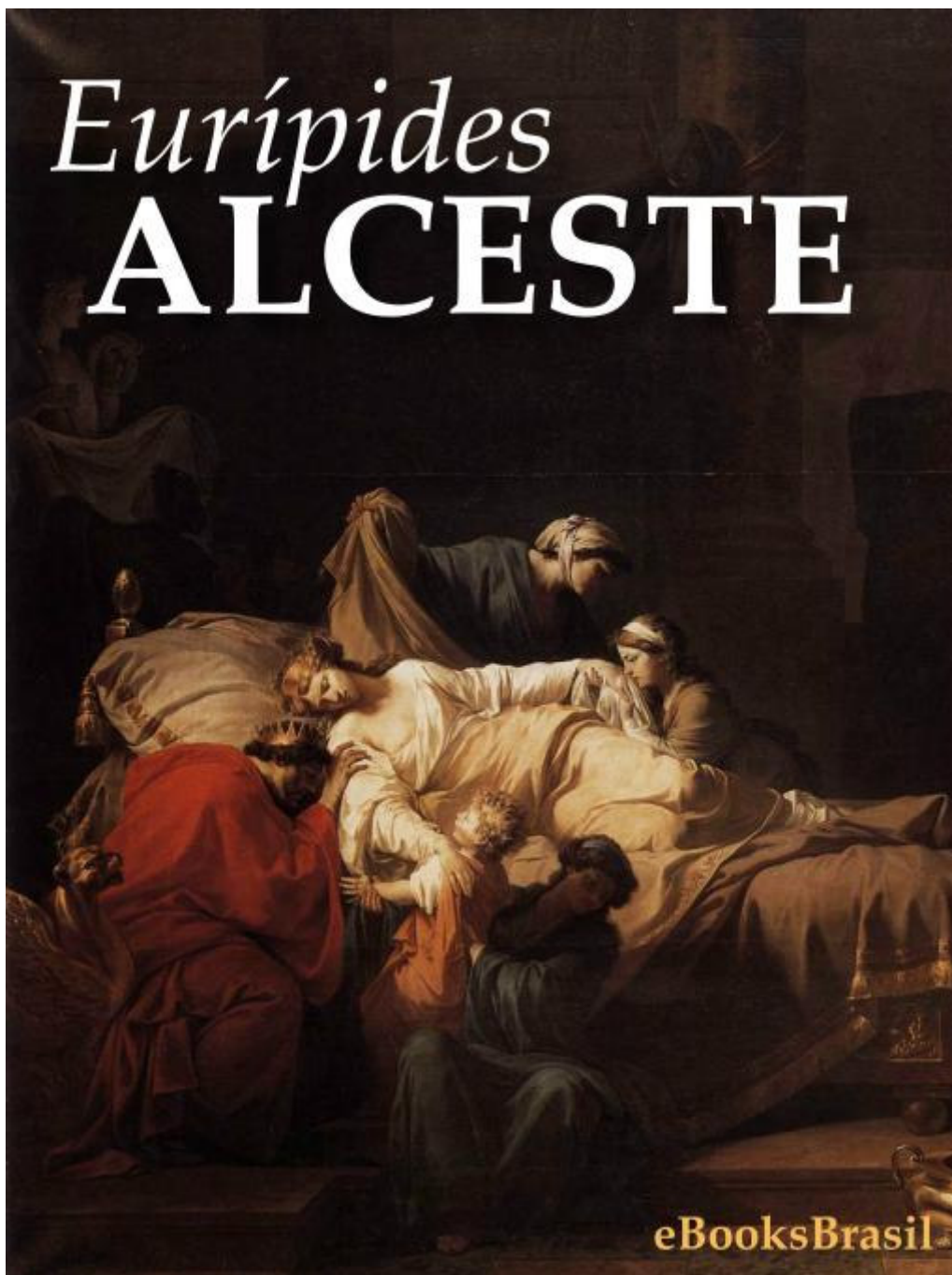


Eurípides
ALCESTE



eBooksBrasil

www.ebooksbrasil.org

Alceste
Eurípides (c. 485 A.C.-406 A.C.)

Tradução e notas
J. B. de Mello e Souza*

Versão para eBook
eBooksBrasil

Fonte Digital
Digitalização do livro em papel
Clássicos Jackson, Vol. XXII
Diagramação adaptada aos formatos de eBook
disponíveis

© 2006 — Eurípides

Alceste

TEM esta bela tragédia de Eurípedes, por principal objetivo, a exaltação do amor conjugal que atinge o mais sublime heroísmo.

Alceste, Laodâmia e Penélope, esposas de Admeto, Protesilau e Ulisses, respectivamente, constituem o tríptico das mais nobres figuras femininas que a lenda grega nos apresenta. Das três, porém, coube à incomparável rainha de Feres praticar o rasgo de abnegação que lhe assegura a primazia entre as esposas modelares.

Enumerando, no canto II da *Iliada*, os contingentes helênicos aliados na luta contra a poderosa Tróia, Homero menciona os guerreiros de Feres, Glafira e Iólcos, sob o comando de Eumélio, filho querido de Admeto e de Alceste, a quem o grande aedo considera “a glória das mulheres”, e “a mais nobre descendente de Pélias”. Platão vai além, quando assevera que os próprios deuses consideraram tão belo o auto-sacrifício de Alceste, que lhe concederam o privilégio excepcional de retornar da sepultura à vida. “Os numes honraram nela a virtude máxima do amor”, — conclui o filósofo. E é de crer que a lembrança de Alceste houvesse inspirado a Shakespeare esta afirmação, que ele atribui ao infeliz rei Lear:

“Upon such sacrifices, my Cordelia,
The Gods themselves throw incense!”

A tragédia de Eurípedes, que se inicia por um monólogo do deus Apolo ao deixar o palácio de Admeto, e pela acrimoniosa discussão que essa benfazeja divindade sustenta com o executor implacável da Morte, — não nos proporciona surpresa alguma decorrente de intriga ou artifício. A ação transcorre natural e logicamente até o desfecho. O poeta mantém sempre alcandorado o estilo, sem que as falas das personagens e as odes corais percam o alto teor do sentimento e da melancolia. Por isso mesmo, alguns tradutores e escoliastas estranham as duas únicas passagens em que a atenção se desvia, por alguns momentos, do episódio capital: tais são a fala do servo que descreve os excessos de plutonaria e a intemperança de Hércules, — que cantava aos berros no recesso de um lar ferido pelo luto, — e a cena em que Admeto deblatera com o pai valetudinário, agredindo-se ambos com amargas diatribes, quando mãos piedosas já transportam ao jazigo o ataúde que contém o corpo inanimado de Alceste.

Trasladando, para o vernáculo, a tragédia de Eurípedes, resolvemos adotar, para certos nomes, a forma ou a grafia que mais conveniente nos pareceu, ou a que melhor condiz com a índole de nosso idioma. Assim, preferimos conservar o

nome grego *Tânatos* para representar a *Morte*, e o de *Hades* para o sombrio país de Plutão. É evidente que a palavra *inferno*, mesmo no plural, que lhe asseguraria o sentido mitológico, causa revolta ao leitor, quando se trata de uma alma boníssima, como a da desditosa Alceste. Designando o nume horrendo por *Tânatos*, evitamos o nome de *Orco*, o qual, segundo autorizados mitologistas, se aplica ao próprio deus Plutão, como se vê nesta passagem, em que Horácio adverte que a morte atinge, inexoravelmente, a ricos e pobres:

“... si metit Orcus
Grandia cum parvis, non exorabilis auro?”
(*Epístolas*, II, 179)

comparada aos versos de Virgílio, concernentes à morte da “misérrima Dido”:

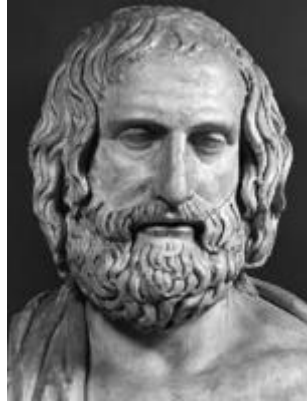
“Nondum illi flavum Proserpina vertice crinem
Abstulerat, stygioque caput damnaverat Orco”.
(*Epístolas*, IV, 699)

Evitamos, destarte, o emprego dos vocábulo *Morte* e *Inferno*, inadequados, em numerosos passos da tragédia, em consequência do sentido que comportam na língua portuguesa, como nos idiomas afins.

Idêntica preocupação nos aconselhou a substituir “senhora” pela palavra “rainha”, sem

prejuízo para o sentido, coarctando ambigüidades decorrentes do emprego daquele vocábulo como sinônimo de esposa, ou quando precedido do possessivo “Nossa”, caso em que a bela palavra assume significação especial e querida para os cristãos.

ALCESTE



Eurípides

ALCESTE

PERSONAGENS

APOLO

TÂNATOS (*A Morte*)

ADMETO, *rei de Feres*

ALCESTE, *sua esposa*

EUMÉLIO, *seu filho*

HÉRCULES

FERES, *pai de Admeto*

CORO (*de anciãos de Feres*)

UM SERVO

UMA SERVA

*A cena se passa diante do palácio de ADMETO,
na cidade de Feres, na Tessália*

APOLO

Ó palácio de Admeto, onde me vi coagido a trabalhar como servo humilde, sendo embora um deus, como sou! Júpiter assim o quis, porque tendo fulminado pelo raio meu filho Esculápio, eu, justamente irritado, matei os Ciclopes, artífices do fogo celeste. E meu pai, para me punir, impôs-me a obrigação de servir a um homem, a um simples mortal! Eis por que vim ter a este país; aqui apascentei os rebanhos de meu patrão, e me fiz protetor deste solar até hoje.

Sendo eu próprio bondoso, e servindo a um homem bondoso, — o filho de Feres — eu o livre da morte, iludindo as Parcas. Estas deusas prometeram-me que Admeto seria preservado da morte, que já o ameaçava, se oferecesse alguém, que quisesse morrer por ele, e ser conduzido ao Hades.

Tendo posto a prova todos os seus amigos, seu pai, e sua velha mãe, que o criou, ele não achou quem consentisse em a dar vida por ele, e nunca mais ver a luz do sol! Ninguém, senão Alceste, sua dedicada esposa; e agora, no palácio, conduzida a seus aposentos nos braços de seu marido, vai desprender-se sua alma, porque é hoje que o Destino exige que ela deixe a vida. Eis por que, para me não macular, eu abandono estes tetos queridos. Vejo que já se aproxima Tânatos, o odioso nume da Morte, para levar consigo Alceste à merencória mansão do Hades. E vem no momento preciso, pois aguardava apenas o dia fatal em que a mísera Alceste deve perder a vida.

Entra TÂNATOS

TÂNATOS

Ah! Que procuras tu junto deste palácio? Que fazes aqui, Apolo? Queres ainda privar os deuses infernais das honras que lhes são devidas? Já não te basta haver desviado o destino de Admeto,

iludindo as Parcas por meio de tuas artimanhas?
E agora, com teu arco em mãos, zelas, talvez, pela
filha de Pélias, que prometeu ao esposo morrer
em seu lugar?

APOLO

Tranqüiliza-te! Nada pretendo, senão o que
for justo, e razoável.

TÂNATOS

Para quê, então, esse arco, se a teu favor tens
a justiça?

APOLO

É meu costume tê-lo comigo sempre.

TÂNATOS

E proteger este palácio, desprezando as
justas determinações do Destino...

APOLO

Afligem-me, com efeito, as infelicidades
daqueles a quem amo.

TÂNATOS

E pretendes roubar-me esta segunda morte?

APOLO

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

